

# A ELABORAÇÃO DO PLANO DE ENSINO NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR.

Maria Cecília de Oliveira Micotti(\*)

A tendência da vida atual é a de atribuir à escola serviços antes prestados por outras instituições. Esta situação coloca para os educadores a necessidade de lembrarem-se e de fazerem lembrar que a função precípua da escola é a de ensinar.

A finalidade específica da escola exige que ela atue de acordo com a mesma, que decida o que os alunos devem aprender e como proporcionar essa aprendizagem. Decisões fundamentadas em outra, referente ao porquê ensinar.

Como a escolha de situações didáticas relevantes para cumprir finalidades educacionais, o planejamento de ensino constitui ponto de partida do trabalho didático. Envolve todo um processo de reflexão para intervir na realidade e transformá-la de acordo com concepções de homem e de mundo. Concepções que orientam o próprio ato de planejar e se expressam em todas as atividades do ensino.

Ao planejar, os professores especificam como vão trabalhar para promover a aprendizagem. Para tanto, é preciso refletir para responder questões como: - O que pretendemos com o ensino? O que vamos ensinar? Que situações são as mais adequadas para que nossos alunos aprendam?

Como vamos averiguar se nossas decisões e ações se mostram adequadas?

Aparentemente simples, essas perguntas solicitam respostas que revelam como cada professor considera o ser humano, seu desenvolvimento, sua aprendizagem e o mundo.

Essas concepções têm papel preponderante no ensino, embora a relação entre elas e a prática pedagógica nem sempre seja percebida com clareza pelo docente. Portanto, o planejamento envolve análise e esclarecimentos a respeito do assunto.

Se cabe ao ensino acentuar a transmissão da herança cultural da humanidade ou o desenvolvimento individual, por exemplo, é questão que deve ser contemplada no decorrer da elaboração do plano de trabalho. As opções feitas se manifestam no plano como também na prática.

O fato é que diferentes teorias pedagógicas, decorrentes de concepções filosóficas e científicas diversas, não ignoram a presença da herança cultural, nem a existência do aluno no processo educativo.

As variações teóricas são, em geral, conseqüências da ênfase dada à transmissão de

(\*) Professora Titular do Departamento de Educação do Instituto de Biociências - UNESP - Câmpus de Rio Claro

conhecimentos ou ao desenvolvimento do aprendiz no ensino. Na prática, essas variações determinam grandes diferenças nas aulas. Por isso seu enfoque no planejamento é fundamental.

A herança cultural da humanidade tem sido objeto de análise e de classificações feitas por diferentes autores desde os gregos até nossos dias. Embora questionáveis, as classificações podem auxiliar na composição do plano didático.

Phenix, em seu livro *Realms of Meaning*, tendo em vista que os seres humanos não se limitam, no decorrer da vida, a realizar as funções biológicas, mas procuram compreender o significado de tudo, considera a educação como processo de produzir, ampliar e aprofundar essa compreensão. Distingue seis domínios fundamentais de significado ou conhecimento que formam um todo. Estes domínios compreendem as competências básicas que a educação deve desenvolver para corresponder às necessidades essenciais de significado, face à falta de significações que ameaça a experiência humana na atualidade.

O primeiro domínio - o simbólico, é considerado como muito importante. Por compreender a linguagem e outras formas simbólicas convencionais, presentes na comunicação, é utilizado para expressar as significações de outros domínios. Incluem-se neste domínio os conhecimentos relativos à linguagem comum da vida diária, a matemática e vários tipos de simbolismos utilizados nas artes para expressar sentimentos e valores, por exemplo.

O domínio empírico é o domínio do conhecimento relativo aos fatos. Compreende as ciências que estudam o mundo físico, os seres vivos e o homem. Ciências que apresentam explicações com base na experimentação e na observação relativas ao mundo da matéria, à vida, à mente e à sociedade.

O domínio da estética inclui as experiências humanas relativas às várias artes: música, artes visuais, artes do movimento e literatura.

O quarto domínio corresponde ao conhecimento pessoal e às relações interpessoais. Ao contrário dos domínios anteriores, nos quais o

conhecimento decorre da relação do sujeito com "objetos", neste, o conhecimento refere-se à relação sujeito a sujeito. A objetividade é substituída pela subjetividade ou intersubjetividade. É o domínio das relações humanas, da experiência existencial.

Em geral, os significados do conhecimento pessoal e interpessoal não são frutos da instrução, mas da experiência pessoal e social. Isto não significa, observa Phenix, que devam ser abandonados pela educação. Na escola, desenvolvem-se relações sociais importantes.

Vale lembrar que o ensino tem aspectos afetivos e é reconhecido o papel que o auto-conceito do aluno desempenha na aprendizagem.

O quinto domínio - o da ética, compreende os conhecimentos relativos à moral, à questão da ação deliberadamente correta, do dever. Enquanto o domínio empírico, por exemplo, compreende conhecimentos referentes a fatos, ao que é, o da ética compreende o que deve ser.

O sexto domínio - o sinótico, fundamenta os demais. Inclui conhecimentos que focalizam a experiência humana em seu conjunto. Compreende a história, a religião, a filosofia.

As classificações das modalidades de conhecimento são, geralmente, criticadas. Pode-se, por exemplo, concordar ou discordar da proposta por Phenix, de seus critérios, pressupostos, etc... Entretanto, as classificações podem constituir instrumento de trabalho à medida que proporcionam reflexões sobre a extensão e variedade do conhecimento bem como sobre seu enfoque no currículo.

Na escolaridade, em geral, as várias modalidades de conhecimento são estudadas através de áreas ou de disciplinas específicas. O domínio simbólico pode desdobrar-se em Matemática, Língua Portuguesa, Educação Física, Língua Estrangeira, compondo estes últimos a área de Comunicação e Expressão. Mas, nem todas as modalidades do conhecimento desdobram-se em disciplinas específicas no ensino básico. Não incluí-las no currículo, significa deixar de lado um aspecto importante da experiência humana, como

ocorre por exemplo com a filosofia ou mesmo a ética. Cabe a escola decidir como preencher essa lacuna, o que não significa, necessariamente, mudança ou aumento do elenco de disciplinas.

Há modalidades de conhecimento ou de significações que podem ser trabalhadas em todas as disciplinas ou áreas de estudo. É este o caso, por exemplo, das relações interpessoais, das condutas éticas, etc.

A educação pré-escolar assume características específicas e, portanto, requer planos de ensino que respeitem suas peculiaridades e funções.

O pré-escolar, geralmente, encontra-se em fase de firmar seu auto conceito, de conhecer o próprio corpo e as possibilidades de seus movimentos, de construir noções espaço-temporais básicas, de elaborar o número, de compreender de forma egocêntrica o ambiente e, assim, interagir com os outros e se comunicar, etc..

Características que requerem composição curricular adequada, não recomendam o ensino enquadrado no esquema de divisão de estudos em disciplinas acadêmicas. Ao contrário, solicitam atividades integradas orientadas para a construção da leitura do mundo, da compreensão das significações elementares da experiência humana.

Na prática, os objetivos da educação pré-escolar são, em geral, especificados em termos de propósitos como os de propiciar:

- a identidade pessoal e o esquema corporal;
- o desenvolvimento das operações infra-lógicas e lógico-matemáticas;
- a sociabilidade, afetividade, cooperação, responsabilidade;
- o sentido da escolha e da crítica fundamentada;
- o gosto pela descoberta e pela solução de problemas;
- a comunicação e a expressão - contato para elaboração e uso da escrita, iniciação às artes em geral;

- conhecimentos, acentuando-se os relativos ao meio-ambiente;

A observação mostra que estes propósitos requerem atividades que visam proporcionar experiências correspondentes às várias modalidades de compreensão humanas, características dos diferentes domínios do conhecimento. Requerem também procedimentos para auxiliar a criança a elaborar formas para comunicar e expressar seus conhecimentos e a sua forma de ver o mundo compatíveis com sua fase de desenvolvimento ( a linguagem e o grafismo, por exemplo).

O respeito às características da fase evolutiva das crianças requer que sejam consideradas no planejamento informações resultantes de avaliação feita para identificar os pontos de partida do ensino, uma vez que, o "aluno médio ideal" inexistente. Neste sentido, a avaliação realizada pela professora, através de contatos com os alunos nos primeiros dias do ano letivo, oferece subsídios para planejar o ensino.

Nas observações do desempenho infantil, cabe focalizar além do desenvolvimento social, o das operações infra-lógicas (espaço-temporais) e as lógico matemáticas, a comunicação verbal e gráfica, o esquema corporal, as relações e o conhecimento ambiental, além de outros aspectos, implícitos nas expectativas acima indicadas.

Na pré-escola, as dificuldades da avaliação se agravam. Por pautar-se pelo desenvolvimento da criança, a educação trabalha com a interação de múltiplos aspectos que exige tempo para ocorrer e portanto dificulta a obtenção de efeitos imediatos. A observação orientada e esquematizada em roteiros constitui instrumento cujo uso deve ser considerado

No cotidiano, é possível observar a ocorrência de dificuldades para estabelecer relações entre propósitos e itens de avaliação. Ocorrência explicável pela artificialidade do recurso de discriminar diferentes objetivos educacionais e aspectos que devam ser avaliados. Na prática, a educação é um processo unitário cujos aspectos interagem.

Como a personalidade da criança é indivisível e suas atitudes e condutas manifestas são apenas a parte observável de um todo muito mais amplo, observações diferentes e contínuas são necessárias para avaliar. Certos propósitos, principalmente os de propiciar o sentido da escolha e da crítica fundamentada, o gosto pela descoberta e pela solução de problemas, o desenvolvimento da própria identidade, requerem múltiplas situações solicitadoras de condutas compatíveis e convívio para que a professora possa perceber mais claramente os progressos e as necessidades de rever a própria atuação.

Do exposto conclui-se que para avaliar estes e outros aspectos são necessárias muitas situações em que a criança, por exemplo, seja solicitada a escolher entre alternativas. Situações em que ela tenha oportunidade de apresentar as próprias opiniões e de exercer sua crítica para que se possa averiguar como escolhe, se ela percebe ou não relações entre a escolha e suas conseqüências, se consegue manifestar opiniões ou fazer escolhas diferentes das predominantes no grupo e se isto ocorrer, qual é o nível de organização de suas idéias, por que procede assim, etc...

Vê-se pois que a avaliação não é tarefa isolada, uma vez que integra o ensino cotidiano.

Através de muitas situações a professora avalia. Como para poder avaliar ela precisa oferecer ao aluno oportunidade de manifestar-se, ele exercita (aperfeiçoa) o que ela pretende avaliar.

Em resumo, para encontrar o ponto de partida do ensino avaliamos o que pretendemos ensinar através de situações que contenham o que pretendemos avaliar tendo em vista os propósitos formulados para o ensino, isto é, de situações que envolvam atividades correspondentes a tais propósitos.

Encontramos aqui, em interação, os conhecidos objetivos, estratégias, conteúdo e avaliação, comumente apontados como roteiro inicial do planejamento.

## **Ensino - As situações didáticas**

A escolha do conteúdo e das situações didáticas mais adequadas para atingir os propósitos do ensino, orientam-se pelos propósitos estabelecidos considerando-se níveis de realização coerentes com as possibilidades do aprendiz.

Por exemplo, em se tratando de noções espaço-temporais, a professora pode ter observado que a maioria de seus alunos domina relações tais como: - perto, longe, ordem, esquerda, direita, enquanto outros, não dominam. Cabe pois planejar o aperfeiçoamento destas noções através de situações que envolvam atividades com relações espaciais que integrem todas as crianças, de modo que umas auxiliem as outras.

Se os alunos dominarem estas relações, apenas a partir do próprio ponto de vista, é necessário ensiná-los a relacionar espacialmente objetos entre si, considerando a reciprocidade, ou seja, o ponto de vista de pessoas que estejam de frente para eles.

Com referência ainda às noções espaciais, é possível haver crianças, principalmente de Pré I, que desconheçam as relações mais elementares, cabe então ensinar noções como aqui, lá, perto, longe, frente, atrás, etc..

O propósito de propiciar o gosto pela descoberta e pela solução de problemas pode ser colocado em diferentes níveis de realização. Como simples busca de objetos que a professora esconde, a montagem de quebra-cabeça de duas ou mais peças. Pode colocar-se também como o estabelecimento de relações que envolvam a transitividade (entre objetos grandes, médios e pequenos, perceber que como o médio é maior que o menor, o grande é maior que o médio, o grande será maior que o menor) ou ainda a correspondência entre séries, a resolução de adivinhações ou a montagem de uma pipa, etc.

Enfim, na escolha de situações didáticas, os propósitos ou objetivos são focalizados de modo adequado às necessidades de quem aprende. A identificação dessas necessidades é facilitada pelo confronto do que a criança consegue fazer com a

seqüência do desenvolvimento cognitivo.

Vale lembrar que não há receitas ou procedimentos válidos para todas as situações; a criatividade da professora é muito importante. Quanto à escolha de situações didáticas é importante lembrar que esta envolve análise e contraste de várias situações que poderiam ser usadas. Nesta escolha devem pesar quanto e quais atividades cada uma delas solicita.

As situações que envolvam desafios, conflitos cognitivos, problemas, por proporcionarem desequilíbrios e reequilíbrios, desempenham duplo papel. Por um lado são fundamentais para o desenvolvimento do aluno. Por outro, provocam maior participação se corresponderem aos seus interesses.

Geralmente o indivíduo se interessa por assuntos que não sejam, nem muito fáceis, nem difíceis demais para ele.

Vale lembrar que o plano é a organização de previsões para o trabalho do professor, não a fixação de formas rígidas para a ação. Entretanto, é preciso planejar para prever as atividades mais adequadas e organizar as situações didáticas para não cair na rotina de deixar as crianças entregues a si mesmas no "playground" ou fazer exposições verbais ou "diálogos" em que só o professor fala.

Ao ensinar é preciso modificar, adaptando as atividades didáticas às reações infantis, para torná-las mais produtivas.

As adaptações são conseqüências da observação do que acontece durante o ensino, principalmente, das condutas dos aprendizes.

As situações didáticas compreendem de forma praticamente indissociável o conteúdo e as atividades ou vivências.

A aprendizagem envolve ou apóia-se em conteúdo. Na educação pré-escolar, este conteúdo dificilmente se coloca como conhecimento sistematizado, abstrato que possa ser transmitido verbalmente. Se a professora tentar proceder assim, provavelmente falará para si mesma.

O conteúdo pode se apresentar em versões muito variadas de ações ou participações.

Muitas vezes o conteúdo a ser ensinado e a ser aprendido se apresenta como ações concretas, empíricas, exploratórias ou movimentos do próprio corpo. Apresenta-se também, em determinados momentos, como ausência de ação como acontece, por exemplo, com referência aos comportamentos agressivos com os colegas.

Se o principal compromisso da educação pré-escolar for com o desenvolvimento da criança, não se justificam compromissos com planos elaborados sem considerar a realidade. Os conteúdos se colocam como apoio para as situações de aprendizagem, para as atividades.

A propósito do conteúdo na elaboração do plano de ensino - muitas vezes surgem indagações quanto ao trabalho por temas ou por áreas de estudo - cabe assinalar que:

- áreas e temas não se excluem;
- a experiência do aluno constitui unidade indissociável;
- as divisões em áreas curriculares são feitas apenas para facilitar o trabalho do professor e, às vezes, acabam complicando a aprendizagem.

Lembramos que a experiência humana é una e que o conhecimento é distribuído em áreas para facilitar estudos e pesquisas e a especialização. Portanto não tem sentido isolar o conhecimento em compartimentos, estanques, principalmente, na pré-escola.

Ao planejar, selecionamos, entre muitas situações de ensino/ aprendizagem, aquelas que possam propiciar as experiências adequadas para atingir nossos propósitos. Em nossas reflexões podemos distribuir ou não essas situações por áreas de conhecimento ou disciplinas. Há várias formas de fazer isso. Porém, para ensinar na pré-escola, vale a experiência diária. Vivemos as situações em seu conjunto, não em parcelas como soma de partes, focalizando por exemplo o aspecto matemático, depois o aspecto da comunicação e expressão, depois o aspecto estético, etc.. A fragmentação da

experiência pode resultar em prejuízo para a compreensão dos significados por parte das crianças.

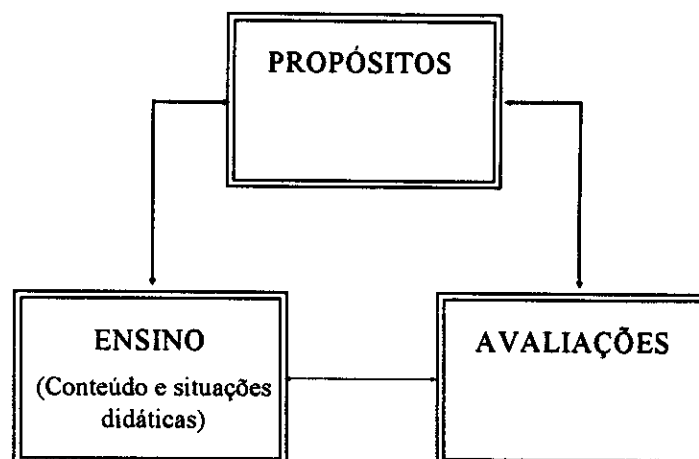
Os adultos em estágios mais avançados de raciocínio, conseguem isolar ou intensificar uma modalidade de experiência, neutralizando outras, para melhor apreciá-la ou estudá-la. É o que ocorre quando procuramos o silêncio para ouvir uma música, ou isolamos um assunto, por exemplo, defeitos da fala, para estudá-lo. Para isolar e aprofundar o significado é necessário conseguir abstrair em nível fora do alcance dos pré-escolares. Então, não dá para simplesmente transpor as formas de trabalhar em outros graus de ensino para a pré-escola.

Para manter a unidade e o significado das experiências no ensino de primeiro e segundo graus, muitos pedagogos recomendam a coordenação dos conteúdos programáticos previstos em diferentes matérias escolares, em unidades de trabalho, centros de interesse, projetos, etc... Neste caso, escolhe-se um tema que centralize os estudos tradicionalmente distribuídos em áreas. Vê-se pois que o pensar a distribuição do conhecimento por áreas ou disciplinas suscita a preocupação com o enfoque do todo e a preocupação com a organização do ensino de modo a recompor o todo significativo.

O ensino através de unidades didáticas facilita a integração de atividades quando todas as situações encaminham-se para a composição de experiências significativas.

Vê-se pois que o planejamento é um processo dinâmico e flexível que exige reflexão.

O plano de ensino coloca-se como a escolha de algumas alternativas, consideradas como as mais adequadas, entre as demais, para atingir os objetivos visados. Funciona como uma hipótese de trabalho através da integração dos vários aspectos do ensino que pode ser assim representada:



Em todos os momentos, propósitos, ensino e avaliação interagem, para no final da aula, do período letivo (semestral ou anual) a professora recorrer à avaliação do desempenho dos alunos e de seu trabalho para reiniciar o processo.

### Sugestão de roteiro para a elaboração do plano

- 1 Formulação dos objetivos educacionais da escola (pré I,II,III)
- 2 Confronto dos propósitos para a educação pré-escolar estabelecidos pela escola com os resultados da observação feita antes da formulação dos propósitos ou objetivos de ensino pelo professor.
- 3 Análise dos seis domínios do conhecimento (áreas) e identificação dos aspectos de cada um deles que serão trabalhados no decorrer do ano letivo (conteúdo).
- 4 Localização dos aspectos acima mencionados em relação a temas gerais ou unidades de ensino
- 5 Seleção de situações didáticas para cada tema.
- 6 Seleção de formas de avaliar indicando aspectos que devem ser observados no decorrer do trabalho.

**BIBLIOGRAFIA**

MICOTTI, M.C.O. (org). O Projeto Lápis de Cor.  
Prefeitura Municipal de Rio Claro, 1992.

NOT, L. Enseigner et faire apprendre. Paris:  
Privat, 1991.

PHENIX, P.H. Realms of Meannig. New York:  
MacGraw Hill, 1964.

Agradecemos a Professora Maria Augusta W.  
Ribeiro, pela revisão ortográfica e a Professora  
Márcia Alves Magnani, pela digitação do texto.